



INGLÊS MUNDIAL E AS IMPLICAÇÕES NO ENSINO

Lediane Manfé de Souza (UNIOESTE/IFPR)¹
lediane.souza@ifpr.edu.br

Rodrigo Smaha Lopes (UNIOESTE)²
rodrigasmaha@hotmail.com

Vanessa Spinelto Heydt (UNIOESTE)³
vanessa.spinelto@gmail.com

RESUMO: O inglês passou, devido à globalização, a estar presente nos quatro cantos do mundo, misturando-se com as mais variadas línguas, culminando em um fenômeno *sui generes* – leia-se língua –, cujas regras estão sendo revistas e reinventadas a todo momento. Nesse sentido, neste artigo, voltaremos nossa atenção ao Inglês Mundial – um fenômeno que promove a desterritorialização da língua de Shakespeare e o destronamento do falante nativo, devendo ser ensinado como um meio de comunicação intercultural e, até mesmo, de resistência – voltando-nos às implicações que isto acarreta no ensino e na aprendizagem do idioma. Ademais, em uma seção específica, discutiremos algumas atividades realizadas com alunos do 1º ano do ensino médio, do Instituto Federal do Paraná (IFPR), *campus* avançado de Quedas do Iguaçu, que objetivaram problematizar a questão da pronúncia, por meio de um *cartoon* sobre a pronúncia do “th” e do texto “Quem quer falar inglês na China”, fazendo referência à língua inglesa na contemporaneidade e ao que é o inglês mundial e suas implicações para a comunicação, como uma estratégia para a promoção da autonomia, autoafirmação e do pertencimento dos alunos. Para tanto, tomaremos com base, principalmente, alguns textos escritos pelo professor Dr. Kanavilil Rajagopalan, assim como as discussões travadas durante seu Seminário Avançado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Cascavel, em julho de 2017.

PALAVRAS-CHAVE: Inglês Mundial; Globalização; Fenômeno; Ensino.

ABSTRACT: As a result of globalization, English has been present in all four corners of the world, blending itself with the most varied languages, culminating in a *sui generes* phenomenon – that is, a language –, whose rules are being revised and reinvented at all times. Thus, in this article, we turn our attention to World English – a phenomenon that promotes the deterritorialization of Shakespeare's language and the dethronement of the native speaker, and which should be taught as a means of intercultural communication and even resistance – focusing on the implications this entails in teaching and learning the language. In addition, in a specific section, we will discuss some activities carried out with 1st year high school students of the Federal Institute of Paraná (IFPR), advanced campus of Quedas do Iguaçu, that aimed to discuss pronunciation, through a cartoon about the pronunciation of “th” and the text “Who wants to speak English in China”, making reference to the English language in the contemporary world, and what is World English and its implications for communication, as a strategy for

¹ Doutoranda em Letras, Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Cascavel. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto Federal do Paraná, *campus* avançado de Quedas do Iguaçu.

² Doutorando em Letras, Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Cascavel.

³ Mestranda em Letras, Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Cascavel.



promoting autonomy, self-assertion and student belonging. To do so, this paper is mainly built upon some texts written by Professor Dr. Kanavilil Rajagopalan, as well as the discussions during his Advanced Seminar at Western Paraná State University, Cascavel campus, in July, 2017.

KEYWORDS: World English; Globalization; Phenomenon; Teaching.

1 Introdução

Há uma miríade de terminologias quando nos voltamos ao ensino e aprendizagem de língua inglesa, como, por exemplo: Inglês como Segunda Língua (ISL/ESL), Inglês como Segunda Língua Estrangeira (SLE/ESOL), Inglês como Língua Estrangeira (ILS/EFL), Inglês como Língua Adicional (ILA/EAL), Inglês como Língua Nativa (ILN/ENL), Inglês como Língua Global (ILG/EGL), Inglês como Língua Internacional (IL/AIL), Inglês para Propósitos Específicos (IPE/ESP), Inglês como Língua franca (ILF/ELF), Inglês Mundial (IM/WE) e Ingleses Mundiais (IMs/WEs), para citar algumas⁴.

Algumas, inclusive, dialogam e/ou apresentam poucas diferenças, deixando-nos, pois, desorientados quanto a qual perfilhar. Todavia, como aponta Erling (2005 apud RAJAGOPALAN, 2012, p. 377):

Mais importante do que encontrar um nome apropriado para o inglês é garantir que os profissionais de ensino de língua inglesa em todo o mundo afastem sua prática de uma ideologia que privilegia as variedades de L1 ('círculo interno'). A língua deve ser ensinada como um meio de comunicação intercultural, de análise crítica e, certamente, quando necessário, de resistência.⁵

O círculo interno a que Erling cita faz referência aos círculos kachruvianos (KACHRU, 1982, 1996), englobando aqueles países em que a língua inglesa é a

⁴ Para mais terminologias e seus autores de referências, ver Rajagopalan (2012, p. 376-377).

⁵ "More important than finding an appropriate name for English is ensuring that ELT professionals around the world move their practice away from an ideology that privileges L1 ('inner circle') varieties. The language must be taught as a means of intercultural communication, critical analysis and indeed, where necessary, resistance."



primeira – e geralmente a única – língua oficial, isto é: Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia. Tais círculos tentam explicar a difusão da língua inglesa pelo globo. Além do interno, há o círculo externo e o em expansão. Aquele abrange os países que foram colonizados pelo círculo interno, como: Índia, Malásia, Nigéria, África do Sul e Singapura; e este, o em expansão, representa aqueles países que utilizam o inglês para fins comerciais e diplomáticos, como o Brasil, a China, a Grécia, a Arábia Saudita e o Israel, por exemplo.

Elizabeth Erling, na citação acima, afirma que devemos explorar as demais variedades da língua inglesa, ou seja, aquelas produzidas por países fora do círculo interno, e isso faz todo sentido se pensarmos que o inglês teve seu status elevado de língua nacional para mundial – feito possível graças à rápida e em grande escala expansão da língua, possibilitada, entre outros fatores, pela globalização –, resultando no fato de que hoje cerca de 2/3 daqueles que falam inglês não são nativos, isto é, não pertencem ao círculo interno, utilizando-o como segunda língua ou língua estrangeira. Torna-se, dessa forma, “[...] totalmente irrealista esperar que o inglês que eles [os falantes nativos] usam continue a obedecer às normas estabelecidas para o chamado inglês padrão [...]”⁶ (RAJAGOPALAN, 2009, p. 102).

Nesse sentido, neste artigo, direcionaremos nossa atenção, mais especificamente, ao Inglês Mundial – ao promover a desterritorialização da língua de Shakespeare e o destronamento do falante nativo, devendo ser ensinado como um meio de comunicação intercultural e, até mesmo, de resistência – voltando-nos às implicações no ensino e aprendizagem do idioma e ao rumo que a língua vem tomando, pois “[...] a língua inglesa que está se espalhando como um incêndio em todo o mundo está se distanciando cada dia mais da língua que costumava ser falada na boa e velha *Álbion*.”⁷ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 380-381).

⁶ “[...] *totally unrealistic to expect that the English they [the native speakers] speak will continue to obey the norms established for the so-called Standard English [...]*”.

⁷ “[...] *the English language that is spreading like wildfire all over the world is distancing itself more and more by the day from the language that used to be spoken in good old Albion.*”.

2 Inglês Mundial: denominando um fenômeno

Para tratarmos do Inglês Mundial (IM) e, então, de suas implicações no/na ensino/aprendizagem, é necessário distinguir o termo de seu uso no plural, isto é, Ingleses Mundiais (IMs), pois, “[...] a denominação que escolhemos frequentemente traz consigo associações e implicações que têm grandes consequências para a maneira como abordamos o próprio fenômeno. [...]”⁸ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 374). Portanto, a escolha entre IM ou IMs não é uma simples questão de estilística, tendo, sim, implicações na forma como vemos (ou queremos ver) o uso da língua inglesa:

Com o Inglês Mundial (no singular), estamos enfatizando a unidade da linguagem. Estamos enfatizando que não importa quais forças divisórias possam estar em ação, a necessidade de os diferentes países conversarem entre si é muito maior do que nunca, graças, principalmente, ao processo de globalização em progresso – e, no final, isto supera o que os profetas da negatividade e do pessimismo têm tentado difundir. Com os Ingleses Mundiais, pelo contrário, estamos reconhecendo e chamando a atenção para as diferenças e, com isto, inconscientemente, a ideia de que a língua terá o mesmo destino que o Latim [...]. É muito parecido com olhar para um copo com um pouco de água e exclamar “Está meio cheio” ou “Está meio vazio”!⁹ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 386).

Nós, assim como Rajagopalan (2009, p. 103), somos otimistas quanto ao futuro do IM e preferimos o uso do termo no singular, uma vez que “[...] apesar da inevitável 'nativização' dos diferentes 'ingleses' e o consequente distanciamento um do outro, as

⁸ “[...] *the appellation we choose often carries with it associations and implications that have major consequences for the way we approach the very phenomenon. It even predisposes us in one way or another.*”

⁹ “*With World English (in the singular) we are emphasizing the unity of the language. We are emphasizing that, no matter what divisive forces may be at work, the need for the different countries to talk to one another is far greater than ever before, thanks principally to the process of globalization in progress – and, in the end, outweigh what the prophets of doom and gloom have been trying to drive home. With World Englishes, by contrast, we are recognizing and drawing attention to the differences and, with it, unwittingly, the idea that the language will meet the same fate as Latin [...]. It is a lot like looking at a tumbler with some water in it and exclaiming either ‘It’s half full’ or ‘It’s half empty!’*”

forças centrípetas atuantes em nosso mundo globalizado superam, em muito, as centrífugas”¹⁰.

Tendo em vista a difusão internacional/global/mundial¹¹ da língua inglesa e, conseqüentemente, “[...] o crescente desencanto com a agora ultrapassada ideia de dividir o mundo anglófono nos chamados falantes nativos de um lado e os demais falantes do outro.”¹² (RAJAGOPALAN, 2012, p. 375), surge a necessidade de uma nova nomenclatura para uma “língua”¹³ em que não há falantes nativos e que adquire, dia após dia, uma nova roupagem, ou, como considerou Rajagopalan (2011, p. 63) “[...] novas cores locais à medida que se movem e, eventualmente, criam raízes em novas configurações”¹⁴.

Uma característica fundamental do IM é, então, a não presença de falantes nativos, já que “[...] No que diz respeito ao Inglês Mundial, os falantes não nativos superam os chamados falantes nativos numa proporção de 3 ou 4 para 1 [...]. Portanto, seria inútil insistir que 25% do número total de falantes devam ser considerados os únicos proprietários da língua [...]”¹⁵ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 383). O linguista

¹⁰ “[...] *despite the inevitable ‘nativization’ of the different ‘Englishes’ and their consequent distancing from one another, the centripetal forces at work in our globalized world far outweigh the centrifugal ones.*”

¹¹ “[...] tornou-se quase de praxe colocar a palavra ‘inglês’ com ‘mundial’, ‘internacional’ ou ‘global’ [...]” - “[...] *it has become almost de rigueur to collocate the word ‘English’ with ‘world’, ‘international’ or ‘global’ [...]*” Watterson (2011, p. 42). Rajagopalan (2012, p. 381), contudo, acredita que “[...] os termos ‘Global English’ e ‘International English’ são problemáticos porque parecem significar que a língua inglesa, confinada há muito tempo a uma pequena ilha, hoje se espalhou para além de suas fronteiras e para o mundo todo – e continua a dominar o mundo. Existe, em outras palavras, um ar de triunfalismo sobre eles que não reflete de maneira alguma o status atual da língua.” - “[...] *the terms ‘Global English’ and ‘International English’ problematic because they seem to signify that English language, confined long ago to a tiny island, has today spilled over its borders and onto the world at large – and continues to dominate the world. There is, in other words, an air of triumphalism about them that does not at all reflect the language’s current status.*”

¹² “[...] *the growing disenchantment with the now-outmoded idea of dividing the Anglophone world into so-called native speakers on the one side and everyone else on the other.*”

¹³ Rajagopalan (2009, p. 104) prefere utilizar o termo fenômeno linguístico, pois “[...] o que mais se deve chamar algo que tenha todas as características de uma língua, mas não tenha falantes nativos? [...] ainda está em construção. Além disso, não tem centro. Em vez disso, é policêntrico [...]” - “[...] *what else should one call something that has all the trappings of a language but has no native speakers? [...] that is still in the making. Furthermore, it has no center. Instead, it is polycentric [...]*”

¹⁴ “[...] *new local colorings as it moves to and eventually takes roots in new settings.*”

¹⁵ “[...] *As far as World English is concerned, nonnative speakers outnumber the so-called native speakers of English by a ratio of 3 or 4 to 1 [...]. So it would be pointless to insist that 25% of the total number of speakers must be considered the sole proprietors of the language [...]*”

indiano opta, assim, por caracterizar o IM como um fenômeno linguístico *sui generis* (RAJAGOPALAN, 2004, 2011), isto é, sem precedentes, pois pertence a todos que o falam, porém não é a língua mãe de ninguém, sendo “Um ‘fenômeno linguístico’ [...] uma maneira melhor de descrevê-lo porque, entre outras coisas, refletiria (ou talvez esconderia) o fato de que ainda estamos envolvidos na atividade de avaliá-lo ou descobri-lo.”¹⁶ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 383).

O surgimento desse fenômeno é datado em 1927, porém somente em meados da década de 90 que começou a ganhar popularidade, passando a fazer parte, inclusive, do dicionário Oxford:

McArthur [...] apontou que a expressão World English (com a letra “w” em minúscula e um hífen entre as duas palavras) foi primeiro utilizada em 1927 e só ganhou legitimidade mais de meio século depois de ter sido introduzida no prestigiado Dicionário de Inglês da Oxford, em 1989.¹⁷ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 382).

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial, contudo, o IM vem ganhando cada vez mais força, tendo em vista o crescimento do poderio político e econômico, principalmente, dos Estados Unidos e a conseqüente disseminação da língua pelo globo, fazendo com que a língua alcançasse os lugares mais remotos¹⁸, provocando uma mistura (*mélange/hotch-potch*) (RUSHDIE, s.d. apud RAJAGOPALAN, 2011, p. 58) entre ela – que “[...] suga e devora tudo que encontra no seu caminho [...]”¹⁹ (RAJAGOPALAN,

¹⁶ “A ‘linguistic phenomenon’ [...] a better way to describe it because, among other things, it would reflect (or maybe actually conceal) the fact that we are still involved in the business of sizing it up or figuring it out.”

¹⁷ “McArthur [...] has pointed out, the expression world English (with the letter “w” in the lower case and a hyphen between the two component words) started its life as early as 1927 and first gained its legitimacy only more than half a century later after being inducted as an entry into the prestigious Oxford English Dictionary in 1989.”

¹⁸ “[...] a disseminação do inglês em todo o mundo [pode ser entendida] em termos de quatro diásporas sucessivas, começando pelo País de Gales, Irlanda e Escócia, passando pela América do Norte, Austrália e Nova Zelândia e chegando à Ásia, África e América Latina. e, finalmente, a todos os pontos imagináveis remanescentes no mundo.” - “[...] the spread of English world-wide [can be understood] in terms of four successive diasporas, beginning with Wales, Ireland and Scotland, through North America, Australia and New Zealand, and reaching out to Asia, Africa and Latin America and, finally, to every remaining imaginable spot in the world.” (RAJAGOPALAN, 2011, p. 61).

¹⁹ “[...] sucks in and devours everything it comes across in its way [...]”.



2011, p. 58) – e outras línguas, criando, pois, variedades diferentes do inglês da rainha, rompendo com sua suposta pureza, e “Ao se desenraizar, reterritorializa-se no espaço da modernidade-mundo, instituindo-se como bem simbólico a ser apropriado, manipulado, deformado pelos falantes dos quatro cantos do planeta.” (ASSIS-PETERSON; COX, 2013, p. 154).

Em uma concepção em que ocorre tal desterritorialização, “É a vontade de comunicar que ajuda a postular uma língua comum, em vez da disponibilidade de uma língua comum que garanta uma comunicação tranquila entre as partes.”²⁰ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 379). Eis um ponto de divergência, por exemplo, entre IM e Inglês como língua franca, pois naquele vale mais o desejo de se comunicar, do que uma questão de inteligibilidade ou unidade: “[...] Há momentos em que sou levado a pensar que a palavra inglês em Inglês Mundial existe apenas para nos lembrar de onde tudo começou, em vez de qualquer utilidade ou precisão descritiva.”²¹ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 382).

À guisa de exemplificação, Rajagopalan (2009, p. 193), cita o que viria a ser o IM na prática:

Se alguém quiser ver por si mesmo o Inglês Mundial funcionando, deve-se tirar um tempo de folga para ver o que acontece em um aeroporto internacional movimentado, como o aeroporto internacional de Heathrow, em Londres, ou o Sheremetyevo 2, em Moscou. Pessoas de diferentes nacionalidades e etnias interagem umas com as outras com a ajuda de uma língua que se parece muito com o inglês, mas é tudo menos [Inglês]. É o Inglês Mundial. Sem dúvida, há muitos que ridicularizam isso com um encolher de ombros. ‘Isso acontece o tempo todo’, diz um relatório publicado no International Herald Tribune em 22 de abril de 2005, ‘durante um atraso no aeroporto, o homem à esquerda, talvez um coreano, começa a conversar com o homem ao lado, que pode ser colombiano, e logo eles estão conversando no que parece ser inglês. Porém, o falante nativo do inglês sentado entre eles não consegue entender uma palavra.’ Sim, é exatamente isto. O Inglês Mundial é uma nova língua, ou melhor, um

²⁰ “It is willingness to communicate that helps one postulate a common language, rather than the availability of a common language guaranteeing smooth communication between the parties.”

²¹ “[...] There are moments when I am even led to think that the word English in World English is there only to remind us where it all started, rather than for the sake of any descriptive utility or accuracy.”



fenômeno linguístico, em que ninguém tem status privilegiado. Pertence a todos que falam de qualquer maneira ou forma. Somente os puristas mais incorrigíveis em questões linguísticas vão afrontá-lo ou, como é mais comum, ignorá-lo, diante de sua presença crescente em todo o mundo.²²

Difícil imaginar um inglês cujo falante nativo pode não ter domínio? Pois bem, isto é o IM e sua presença é inegável, assim como é a impotência dos puristas – personagens trágicos²³ – em tentar impedir sua disseminação. Assim sendo, como nós, professores, devemos lidar com tal fenômeno? O que isto implicará em nossas aulas? Que inglês ensinaremos é uma pergunta coerente?

3 Implicações do Inglês Mundial no ensino e na aprendizagem do inglês

No momento, estamos na melhor condição de fazer algumas suposições sobre o tipo de mudanças que estão reservadas para nós, e eu sugeriria que o ensino de inglês esteja preparado para sofrer algumas mudanças dramáticas, já que as variedades nativas de inglês dão lugar ao Inglês Mundial como o mais cobiçado passaporte para a cidadania mundial.²⁴ (RAJAGOPALAN, 2004, p. 110).

²² “If anyone wants to see for themselves World English at work, they should take some time off their busy schedule to watch what goes on at a busy international airport like London’s Heathrow or Sheremetyevo 2 international airport in Moscow. People from different nationalities and ethnicities interact with one another with the help of a language that sounds very much like English but it is anything but [English]. It is the World English. No doubt, there are many who ridicule it with a dismissive shrug. ‘It happens all the time,’ says a report published in the International Herald Tribune on April 22, 2005, ‘during an airport delay the man to the left, a Korean perhaps, starts talking to the man opposite, who might be Colombian, and soon they are chatting away in what seems to be English. But the English native speaker sitting between them cannot understand a word.’ Yes, that’s precisely it. World English is a new language, or rather a linguistic phenomenon, where no one has any privileged status. It belongs to everyone who speaks it in whatever way, shape or form. Only the most incorrigible purists in matters linguistic will cock a snook at it or, as is more commonly the case, play the ostrich before its growing presence worldwide.”.

²³ Carlos Bagno (2017 apud CRUVINEL, 2017, s.p.) caracteriza os puristas como personagens trágicos, pois “[...] já nasce fadado à derrota, destinado ao fracasso, à decepção, a ser subjugado pelas forças da realidade. E isso por uma razão simplíssima: as línguas mudam, as línguas se transformam com o tempo, e é precisamente essa certeza que leva essas pessoas a se desesperar e a querer interromper o que não pode ser interrompido.”.

²⁴ “At present, we are at best in a position to make some wild guesses concerning the kind of changes in store for us, and I would suggest that ELT is poised to undergo some dramatic changes as native varieties of English give way to WE as the most coveted passport to world citizenship.”.

Essa citação vai ao encontro do que vinha sendo tratado até então, quanto à questão de o IM ser um fenômeno sem precedentes e ainda em construção, e, portanto, “[...] as regras estão sendo constantemente revisadas ou reinventadas, mesmo enquanto o jogo avança.”²⁵. Assim o sendo, é difícil prever os caminhos que ele tomará, mas, de qualquer forma, trará implicações ao ensino do idioma nos quatro cantos do mundo: “Para os profissionais que ensinam inglês em todo o mundo significa, entre outras coisas, ter que rever muitas das coisas que foram dadas como certas por muito tempo.”²⁶ (RAJAGOPALAN, 2009, p. 104). Nesse sentido, ainda não há – se é que haverá – diretrizes para basear uma perspectiva de ensino focada no IM. Algumas questões, contudo, são levantadas.

Uma delas, e que tem sido tida como ponto pacífico, é a do falante nativo, pois, historicamente, voltou-se a essa figura mítica como base e projeção para o ensino/a aprendizagem da língua inglesa. Seja com Chomsky e a “competência linguística”, seja com Hymes e a “competência comunicativa”, “[...] foi a figura do falante nativo que, invariavelmente, serviu de parâmetro para medir a adequação das decisões políticas, a eficácia dos métodos e a autenticidade dos materiais, a proficiência do aprendiz, e assim por diante.”²⁷ (RAJAGOPALAN, 2004, p. 114).

Tal tendência ainda é bastante presente em nossa sociedade, seja por meio de escolas de idiomas que apostam no marketing de professores nativos; de profissionais que pararam no tempo em suas concepções de ensino, ou prezam pela “pureza”²⁸ da língua, seja por meio das editoras, o termo nativo “[...] ainda resiste bravamente, mas tem, mais do que qualquer outra coisa, a ver com a indústria Ensino de Inglês de bilhões

²⁵ “[...] *the rules are constantly being revised or reinvented even as the game progresses.*”

²⁶ “*For ELT professionals all over the world, it means, among other things, having to take a fresh look at many of the things that have been taken for granted for long.*”

²⁷ “[...] *it was the figure of the native speaker that invariably served as the yardstick with which to measure the adequacy of policy decisions, the efficacy of methods and authenticity of materials, the learner’s proficiency, and so on.*”

²⁸ Como já dizia James Nicoll ([199-?]), “*English is about as pure as a cribhouse whore*”. “O inglês é tão puro quanto uma prostituta de bordel”.

de dólares, cujos interesses estão em jogo no resultado do debate.”²⁹ (RAJAGOPALAN, 2012, p. 381).

A consequência dessa prática de ensino com foco no falante nativo, não fez/faz outra coisa senão “[...] criou um complexo de inferioridade extremamente enervante entre muitos alunos/professores não nativos, e ajudou a gerar práticas de contratação injustas e discriminatórias.”³⁰ (RAJAGOPALAN, 2004, p. 113). Nas palavras de Suarez (2000 apud OZTURK; ATAY, 2010, p. 138), “A síndrome do tipo ‘eu não sou nativo’ é predominante entre os professores não nativos, e isto tem efeitos negativos em sua moral, pois se sentem inferiores e inadequados quando se comparam a seus colegas nativos”³¹. E, assim, muitos seguem acreditando que para falar inglês bem deverão aprender com um nativo ou viajar, de preferência, para os Estados Unidos ou a Inglaterra, ou que precisam aprender a se comunicarem com/como falantes nativos.

Ainda, esse modelo de falante nativo afeta igualmente os alunos, pois “[...] eles não conseguem desligar a competência de sua língua materna (pela sua condição de saber permanente, inconsciente e automático) que insiste em contaminar o *Standard English* e, por isso, são corrigidos o tempo todo.” (ASSIS-PETERSON, COX, 2013, p. 164), o que torna a aprendizagem um fardo.

Na contramão dessa perspectiva, o IM preza pela comunicabilidade, pois, no século XXI, o problema não está em não falar como um nativo, mas em não ser capaz de lidar com os mais diversos sotaques, nativos ou não. Isto sim é ser “[...] comunicativamente deficiente e mal equipado [...]”³² (RAJAGOPALAN, 2004, p. 114). Essa questão não é nova, Cook, em 1999, (apud OZTURK; ATAY, 2010, p. 138) já nos dizia que “[...] é necessário ir além do falante nativo como modelo no ensino de línguas,

²⁹ “[...] still bravely resists but that has to do more than anything else with the billion-dollar ELT industry whose vested interests are at stake in the outcome of the debate.”

³⁰ “[...] bred an extremely enervating inferiority complex among many a non-native speaker learner/teacher, and helped spawn unfair and discriminatory hiring practices.”

³¹ “‘I’m-not-a-nativespeaker’ syndrome is prevalent among NNS [non-native speaker] teachers and this has negative effects on their morale as they feel inferior and inadequate when they compare themselves to their L1 colleagues.”

³² “[...] communicatively deficient and ill-equipped [...]”.



porque no contexto de Inglês como Língua Internacional, falantes nativos são apenas uma parte do grupo muito maior de falantes da língua.”³³.

Nesse cenário, é papel do professor, portanto, expor o aluno a maior quantidade possível de sotaques – preço pago pela hiper-centralidade do inglês, como aponta Ortiz (2006) – para que ele consiga se comunicar, independentemente do interlocutor, assim como deixar claro que almejar falar com um nativo é – além de uma missão impossível –, literalmente, coisa do século passado:

Na verdade, o falante nativo pode até ser prejudicado quando se trata de realizar algumas das tarefas rotineiras em Inglês Mundial (IM). A competência comunicativa em IM é, em grande parte, de natureza interlingual ou mesmo multilíngue e, portanto, longe de ser uma habilidade, ser monolíngue pode, na verdade, se tornar um ônus.³⁴ (RAJAGOPALAN, 2004, p. 114).

Além do sotaque, Rajagopalan (2004, p. 116) aponta que podem ocorrer mudanças no ensino e na aprendizagem das quatro habilidades – falar, ler, ouvir e escrever –: “[...] É interessante considerar separadamente cada uma das quatro habilidades que são amplamente tidas por compor coletivamente o domínio de uma determinada língua, e perguntar se há diferenças entre elas em relação às mudanças em curso”³⁵.

Assim sendo, o desafio do professor de língua inglesa atualmente é se afastar de concepções de ensino positivistas, empoderar-se e pensar sobre o tipo de atitude que esperasse que o aprendiz tenha em relação à língua inglesa, afinal, o aprendizado de uma língua pode ampliar o capital cultural do aluno e suas relações com o outro e com o

³³ “[...] *it is necessary to move beyond the native speaker as the model in language teaching because in the context of EIL native speakers are only a part of the much larger group of speakers of the language.*”.

³⁴ “*If anything, the native speaker may even be handicapped when it comes to performing some of the routine tasks in WE. Communicative competence in WE is in large measure of an interlingual or even multilingual nature, and therefore, far from being an asset, being a monolingual may actually turn out to be an encumbrance.*”.

³⁵ “[...] *it is interesting to consider separately each of the four skills that are widely believed to collectively make up one’s command of a given language, and ask if there are any differences among them with regard to the changes under way.*”.

mundo: “[...] é hora de começar a pensar em estabelecer novas metas para a empresa de Ensino de Inglês em todo o mundo.”³⁶ (RAJAGOPALAN, 2009, p. 105). Em outras palavras, “É de suma importância que as pessoas do Círculo de Expansão percebam que cabe a elas decidir se dominam o idioma ou se deixam dominar por ele”³⁷ (RAJAGOPALAN, 2011, p. 62).

4 O Inglês Mundial em pauta na sala de aula

Se durante muito tempo o professor vendeu o peixe do inglês moldado a partir da imitação do falante nativo, as questões levantadas até aqui, mostram que ele também é o agente de mudança de paradigmas e de velhas crenças na sala de aula. Para além de ferramenta comunicativa, e alinhada aos princípios de uma educação global, o aprendizado de inglês se torna, nesse momento histórico, instrumento e lugar de problematização da diferença como algo inerente às relações humanas. Retomando Assis-Peterson e Cox (2013), o professor não pode mais ignorar as fricções entre as aprendizagens informais e a aprendizagem formal do inglês, nem fazer o papel de avestruz diante do IM, que está presente, queiram os puristas ou não, nos mais diversos cantos do globo.

Nessa perspectiva, entende-se que o ensino de inglês precisa ser repensado nos seus objetivos a fim de que atenda as demandas atuais. De acordo com o professor Rajagopalan a pergunta não deve ser “que inglês ensinar?”, mas “para que e por que ensinamos língua?”, “ensinar para falar com o falante nativo?”³⁸. Diante desses questionamentos, professores podem repensar o ensino a partir de uma visão política em cujo centro está a reflexão sobre o papel da língua no mundo.

Estas são questões essenciais para o ensino de línguas na contemporaneidade. Parar para pensar sobre seus objetivos pode fazer alunos e professores questionarem os

³⁶ “[...] *It is time to start thinking of setting up fresh goals for the ELT enterprise across the globe.*

³⁷ *It is of paramount importance for people in the Expanding Circle to realize that it is up to them to decide whether to master the language or, instead, allow themselves to be mastered by it.*”

³⁸ Comunicação pessoal: Seminário Avançado “O ensino de línguas como parte integral da política linguística: A necessidade e uma abordagem crítica”, ministrado pelo professor Kanavilil Rajagopalan, no Programa de Pós-Graduação em Letras, na Unioeste, *campus* de Cascavel, em julho de 2017.

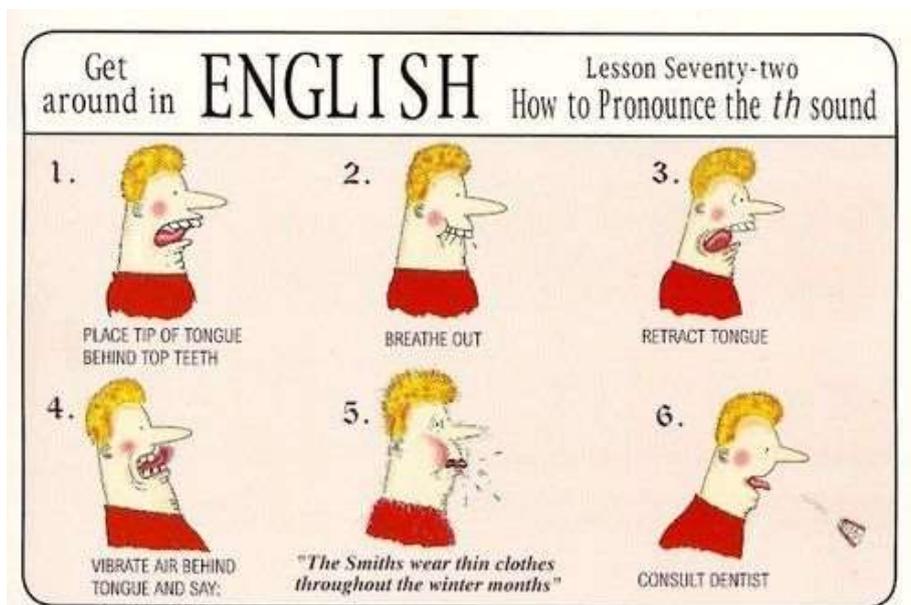


velhos paradigmas metodológicos em que repetir estruturas e imitar sotaques eram parte imprescindível do aprendizado, pelo fato de que isso não é mais suficiente. Com o avanço da tecnologia e o estreitamento das relações entre as pessoas no mundo, a necessidade de se comunicar é que vai ditar as regras válidas.

Na sequência, passamos a relatar e discutir uma atividade realizada com alunos do 1º ano do curso Técnico em Informática integrado ao ensino médio, do Instituto Federal do Paraná (IFPR), *campus* avançado de Quedas do Iguaçu, no ano de 2018. Esses alunos são oriundos da rede estadual e particular da cidade, que iniciam uma nova cultura escolar na rede federal. Observando outras turmas, desde 2015, nota-se que é comum entre elas a ideia de que o aprendizado de língua inglesa seja algo impossível, uma espécie de promessa que nunca vai se concretizar. Nas conversas de sala de aula, percebe-se que os discursos são para o futuro e para a utilização instrumental do inglês: aprender inglês para um emprego concorrido, para viajar a turismo, para fazer um intercâmbio, o que possivelmente não acontecerá para todos. Dificilmente, ouve-se que o inglês é necessário para o aqui e agora.

Contudo, se os alunos não conseguem ver essa necessidade, estamos diante de uma situação em que a pergunta: “Por que os alunos precisam saber algo sobre língua inglesa?” (RAJAGOPALAN, 2017, Comunicação pessoal) precisa fazer parte do planejamento e da prática docente. Com esse intuito, nas primeiras aulas do ano letivo, foram discutidas ideias sobre: o que é ser proficiente em um idioma (considerando as práticas sociais em que podemos participar); sotaques e diferentes usos do inglês no mundo; inglês como idioma que está muito presente práticas sociais contemporâneas. Neste ano, depois de discutir sobre esses temas, os alunos responderam à seguinte questão como parte de uma atividade avaliativa: interprete o cartoon abaixo (Figura 1) e relacione-o com nossas discussões em sala de aula sobre o ensino de Inglês na contemporaneidade.

Figura 1 - Como pronunciar o *th*



Fonte: Ford e Legon (2003, s.p.)

De maneira geral, as respostas falaram sobre como é difícil pronunciar o som do *th* em inglês, mesmo depois das discussões que já haviam sido feitas a respeito das características e identidade dos falantes, como, por exemplo, que não era necessário imitar o falante nativo para se comunicar na língua-alvo. O fato de que a maioria dos alunos não conseguiu fazer a relação entre o *cartoon* e as discussões feitas anteriormente foi surpreendente. Diante do resultado inesperado, considerou-se importante estender a discussão com a turma por meio do texto “Quem quer falar inglês na China?”³⁹, que apresenta um diálogo em inglês entre um falante nativo e um chinês:

QUEM QUER FALAR INGLÊS NA CHINA?

What does TANJOOBERRYMUTTS mean in English language? By the time you read through this you will understand what “TANJOOBERRYMUTTS” is and be ready for China. In order to continue getting-by in China, we need to learn English the way it is spoken. Practice by reading the following conversation until you are able to understand the term “TANJOOBERRYMUTTS”. With a little

³⁹ Texto veiculado na internet e citado por Duboc e Ferraz (2011). Nesse trabalho, os autores relatam e discutem a utilização desse texto com professores e também mostram os resultados da atividade realizada em sala de aula por uma das professoras do curso.

patience, you'll be able to fit right in. The following is a telephone exchange between maybe you as a hotel guest and roomservice today:

Room Service: "Morrin. Roon sirbees."

Guest: "Sorry, I thought I dialed room-service."

Room Service: " Rye . Roon sirbees...morrin ! Joowish to oddor sunteen ???"

Guest: "Uh..... Yes, I'd like to order bacon and eggs."

Room Service: "Ow ulai den ?"

Guest: ".....What ??"

Room Service: "Ow ulai den ??!... Pryed, boyud, pochd ?"

Guest: "Oh, the eggs ! How do I like them ? Sorry.. Scrambled, please."

Room Service: "Ow ulai dee bayken ? Creepse ?"

Guest: "Crisp will be fine."

Room Service: "Hokay.. An sahn toes ?"

Guest: "What ?"

Room Service: "An toes.. ulai sahn toes ?"

Guest: "I... Don't think so.."

Room Service: "No? Udo wan sahn toes ???"

Guest: "I feel really bad about this, but I don't know what 'udo wan sahn toes' means."

Room Service: "Toes ! Toes !...Why Uoo don wan toes ? Ow bow Anglish moppin we botter ?"

Guest: "Oh, English muffin !!! I've got it ! You were saying 'toast'... Fine...Yes, an English muffin will be fine."

Room Service: "We botter ?"

Guest: "No, just put the botter on the side."

Room Service: "Wad ?!?"

Guest: "I mean butter... Just put the butter on the side."

Room Service: "Copy ?"

Guest: "Excuse me ?"

Room Service: "Copy...tea.. meel ?"

Guest: "Yes. Coffee, please... And that's everything."

Room Service: "One Minnie. Scramah egg, creepse bayken , Anglish moppin, we botter on sigh and copy ... Rye ??"

Guest: "Whatever you say."

Room Service: "Tanjooberrymutts."

Guest: "You're welcome."

Essa discussão vai além do que podemos chamar de proficiência linguística do falante. Problematizar tal questão implica a formação para a cidadania global, desde que ensinar e aprender nos dias de hoje seja considerado um processo baseado em valores universais como tolerância, solidariedade, cooperação e inclusão.

A partir disso, a aula foi conduzida de modo que os alunos, primeiramente, discutissem em pequenos grupos o que aconteceu no diálogo e, em seguida, respondessem por escrito as seguintes questões:

Existe conflito nesses contextos de uso de inglês? Se sim, que palavras causaram esse conflito?

Quem tem razão? Por quê?

Algum falante deve se adaptar ao outro? Se sim, quem?

Algum falante fala ‘errado’? Se sim, quem?

Você considera que houve comunicação no diálogo? Por que (não)?

Você já passou por alguma situação semelhante?

(MONTE MÓR, 2010 apud DUBOC; FERRAZ, 2011, p. 25)⁴⁰

As respostas dos grupos foram organizadas nas tabelas abaixo e discutidas na sequência. Nelas foi possível identificar algumas categorias de análise que dialogam com temas abordados até aqui – Inglês Mundial, falante ideal, comunicação global – e que podem ajudar professores a refletir sobre o papel do ensino de inglês na sociedade contemporânea.

As categorias de análise trazidas para discussão são uma forma de organizar os dados a fim de mostrá-los ao leitor de maneira inteligível. As respostas dos grupos não aparecerão em todas as categorias, tendo em vista a interpretação dada àquele dado.

1. INGLÊS NO MUNDO DO TRABALHO: a adaptação

“Quem tem razão? Por quê?”
Grupo 2: O hóspede, porque <i>o atendente tinha que saber o inglês</i> já que é uma língua das mais fáceis de falar e mais conhecida.
Grupo 3: O cliente, porque <i>o hotel precisava ter um atendente (serviço de quarto) especializado em línguas estrangeiras</i> para não acontecer problemas de interpretação entre hóspedes e atendentes.
“Algum falante deve se adaptar ao outro? Se sim, quem?”
Grupo 3: Sim, o atendente, pois ele <i>deveria adaptar-se à língua do cliente</i> .
Grupo 4: No texto quem precisou se adaptar foi o hóspede para conseguir entender o empregado do hotel, mas se fosse um diálogo do cotidiano, <i>seria o empregado que deveria se adaptar ao hóspede, pois devido ao seu trabalho ele deve aprender a lidar com várias situações linguísticas</i> .
Grupo 5: Sim, pois o chinês <i>não consegue falar corretamente o inglês para o entendimento correto do cliente</i> .
Grupo 9: Sim, <i>quem deve se adaptar é quem está aprendendo o inglês</i> .

⁴⁰ Para esta análise, as respostas da primeira e da última questão não serão discutidas.



O ERRO: o que importa estar correto ou errado na comunicação?

“Quem tem razão? Por quê?”
Grupo 1: <i>O falante do inglês tem razão, pois não consegue entender o que o pobre chinês diz, já que não é sua língua materna.</i>
Grupo 5: <i>O guest porque o room service fala errado o inglês e o guest não consegue entender corretamente.</i>
“Algum falante deve se adaptar ao outro? Se sim, quem?”
Grupo 2: <i>O chinês, porque a língua inglesa está crescendo, então ele vai ter que aprender inglês correto de outro país. O hóspede vai ter que falar inglês conforme o país.</i>
Grupo 5: <i>Sim, pois o chinês não consegue falar corretamente o inglês para o entendimento correto do cliente.</i>
“Algum falante fala ‘errado’? Se sim, quem?”
Grupo 2: <i>Sim, o atendente porque possivelmente não teve o curso adequado para aprender a falar de forma correta.</i>
Grupo 3: <i>Sim, o atendente chinês.</i>
Grupo 4: <i>Sim, no princípio, o empregado do hotel está falando “errado”, mas ele está apenas falando da sua maneira.</i>
Grupo 5: <i>Sim, o room service.</i>
Grupo 6: <i>Sim, o chinês, pois ele não é nativo.</i>
Grupo 7: <i>Sim, o room service, pois não pronuncia o inglês de forma correta e porque não é o idioma nativo dele.</i>
Grupo 9: <i>Sim, o falante de outra língua está falando errado, pois é diferente de sua língua nativa.</i>
Grupo 10: <i>Sim, o chinês fala várias palavras errado.</i>

2. COMUNICABILIDADE: uma língua possível?

Você considera que houve comunicação no diálogo? Por que (não)?
Grupo 1: <i>O falante do inglês tem razão, pois não consegue entender o que o pobre chinês diz, já que não é sua língua materna.</i>
Grupo 2: <i>Sim, teve uma boa comunicação, mas não teve um diálogo bom, ambos sofreram com o inglês diferente.</i>
Grupo 3: <i>Sim, mesmo o atendente errando algumas palavras eles conseguem um diálogo.</i>
Grupo 4: <i>Houve comunicação, pois no final do diálogo o hóspede conseguiu pedir o que queria.</i>
Grupo 5: <i>Sim, pois, por mais que foi difícil o Guest entender o Room Service, eles conseguiram desenvolver um diálogo.</i>
Grupo 6: <i>Sim, pois se não houvesse diálogo não haveria pedido de café da manhã.</i>
Grupo 7: <i>Teve, porque eles se entenderam, pelo menos em alguns momentos, e essa é a função da comunicação.</i>
Grupo 8: <i>Sim, pois os dois se comunicam e se entendem (por mais que encontrem certas dificuldades).</i>
Grupo 9: <i>Sim, houve entendimento porque o falante nativo de inglês entendeu o que o falante de outra língua estava falando.</i>
Grupo 10: <i>Sim, pois eles vão se adaptando ao diálogo.</i>

3. INGLÊS MUNDIAL: a adaptação dos nativos

Quem tem razão, por quê?
Grupo 7: O chinês, pois estão na China e o dever do hóspede é se adaptar para compreender o inglês da China.
Grupo 10: O americano, por tentar entender o sotaque do chinês.
Algun falante deve se adaptar ao outro? Se sim, quem?
Grupo 7: Sim, o hóspede, pois está na China e é justo ele se adaptar.
Grupo 10: Sim, o americano deve se adaptar ao jeito que o chinês tenta explicar.
Você considera que houve comunicação no diálogo? Por que (não)?
Grupo 10: Sim, pois eles vão se adaptando ao diálogo.

4. EXPANSÃO DE EXPECTATIVAS: a cidadania global⁴¹

Quem tem razão? Por quê?	Algun falante deve se adaptar ao outro? Se sim, quem?	Algun falante fala 'errado'? Se sim, quem?	Você considera que houve comunicação no diálogo? Por que (não)?
Grupo 8: Nenhuma das pessoas no texto tem razão, pois cada uma tem seu jeito e maneira de falar.	Grupo 8: O grupo entrou em um impasse, mas chegaram a um consenso de que os dois falantes devem se adaptar um ao outro para melhor entendimento.	Grupo 8: Não, pois no texto podemos notar que o inglês não é a língua nativa de uma das pessoas, então é perfeitamente normal termos diferentes sotaques, mas não é uma forma errada de se falar.	Grupo 8: Sim, pois os dois se comunicam e se entendem (por mais que encontrem certas dificuldades).

Como já foi dito no início desta seção, durante muito tempo, e ainda hoje, o aprendizado do inglês é relacionado ao mercado de trabalho. As respostas dos alunos para as questões “Quem tem razão? Por quê?”; “Algun falante deve se adaptar ao outro? Se sim, quem?” sugerem que o atendente, para ser um bom profissional, deveria especializar-se na língua, ou seja, “dominá-la” e adaptar-se ao falante nativo. Nesse sentido, saber inglês significa estar apto a atender à demanda do mercado.

Não queremos dar a entender que isso não seja válido, mas convidamos à reflexão: em que momento o falante usa a língua a seu próprio favor? Essa provocação é

⁴¹ As respostas do grupo 8 foram mostradas à parte porque trouxeram ideias relacionadas, criando um todo possível de ser mostrado na 4ª categoria de análise.



feita pensando nas relações interculturais que estão em jogo na comunicação entre os povos. Não é só adaptar-se ao outro, há uma troca que vai ser mencionada adiante.

A questão do erro mostrou-se eloquente nas respostas dos alunos, que usaram como parâmetro o inglês do falante nativo. Isso pode ser visto como resultado de décadas de estratégias de marketing que venderam a ideia de que para saber falar inglês era necessário falar como o nativo. Além disto, professores também disseminaram essa ideia entre seus alunos e, até mesmo, a universidade contribuiu para a consolidação do mito do falante ideal, que teve como uma de suas consequências a crença de que é impossível aprender inglês na escola regular. Como enfatizam Cox e Assis-Peterson (2007, p. 10):

[...] o discurso da ineficiência do ensino do inglês na escola pública é incessantemente entoado por um conjunto de vozes', incluindo professores, alunos, pais, diretores, coordenadores e atores sociais que, de forma contínua, se vêem assediados pela mídia mediante propagandas de outros segmentos, reivindicando para si 'os métodos mais modernos, os professores mais capacitados e a garantia de domínio do inglês perfeito no menor tempo possível.

Ao mesmo tempo em que os alunos parecem reconhecer que os falantes de outras línguas não precisam imitar o falante nativo, consideram “errado” querer falar “da sua maneira.”. Apesar de reconhecerem que a comunicação foi estabelecida, a proficiência oral ainda é julgada tendo como base a ausência de sotaque e de desvios gramaticais. Há também a justificativa, um tanto quanto amenizadora, de que “falar errado” é permitido para quem não é um falante nativo, marcando a coexistência de duas interpretações: a) o não nativo fala errado; b) o não nativo não precisa imitar o falante nativo.

A oposição “correto”/“errado” está presente em quase todas as respostas. Mesmo que algumas delas não concordem que haja um falante que esteja com a razão, é forte a ideia de que se você não fala como o nativo, você está falando errado. O que reforça a constatação da primeira atividade, quando os alunos trataram a dificuldade em pronunciar o som do *th* como erro. Todavia, quando questionados se houve comunicação no diálogo entre o falante nativo e o chinês, todos responderam que sim,



embora também afirmem que não foi um diálogo fácil. Isto redireciona o discurso do erro para o fator comunicabilidade, mostrando que a falta de correção linguística e diferentes sotaques não impedem a comunicação, que é possível comunicar-se apesar da dificuldade.

Siqueira e Barros (2013) afirmam que é comum entre pesquisadores mais críticos, especialmente, “[...] aqueles voltados para os estudos sobre a expansão mundial do inglês, indagações tais como: ‘Inteligível para quem?’ ‘Para o falante nativo?’, ‘Para os usuários bilíngues globais da língua’, como prefere Jenkins (2007)?” O que significa que, conforme Cogo e Dewey (2012 apud SIQUEIRA; BARROS, 2013, p. 14), o conceito de comunicação bem-sucedida vai além da performance com base em um modelo padrão idealizado, “[...] que, como se sabe, não é falado nem pelo mais ‘letrado’ dos falantes nativos.”

Nos dias de hoje, o falante nativo do inglês se vê diante de uma língua que parece a sua, mas que assume os mais diversos sotaques e variantes. Nas respostas, os alunos também refletem sobre a adaptação do falante nativo, que terminou o diálogo bem mais flexível e tolerante com seu interlocutor do que começou. O que acontece com o IM é exatamente isso: os próprios nativos têm que se adaptar para que aconteça a comunicação, pois, na verdade já há um esforço do não nativo em falar aquele idioma. Essa adaptação por ambos os falantes é um forte indício de uma cidadania global, na qual não importa estar certo ou errado, o que importa é a comunicação.

Em outra aula, depois de ler as respostas dos alunos, foi dado a eles um *feedback* sobre a atividade. Entre outros assuntos, eles foram questionados sobre o porquê muitos consideraram que o chinês falava errado e, ao mesmo tempo, todos os grupos responderam que houve comunicação na situação apresentada. Outro questionamento foi sobre a ausência de referência ao diálogo entre as culturas, tendo em vista que nenhum grupo mencionou esse aspecto. De maneira resumida, suas considerações nesta aula foram sobre sotaques, identidades, a expansão do inglês pelo mundo e a adaptação dos falantes diante dessa língua e de suas variedades. Sobre o diálogo intercultural, as reflexões dos alunos foram ao encontro das ideias de Rajagopalan (2017, comunicação pessoal) de que “O inglês tem que ser usado para ser quem somos”.



Por fim, pode-se afirmar que a atividade favoreceu a construção coletiva de uma reflexão sobre o que é o Inglês Mundial e suas implicações para a comunicação, levando os alunos por lugares que não seriam possíveis em uma aula com foco na imitação do falante nativo em busca da perfeição, na qual seus sotaques são considerados errados, feios, inadequados. Pelo contrário, essa aula proporcionou o desenvolvimento da consciência linguística e da expansão das perspectivas individual, comunitária e global dos estudantes.

Considerações Finais

Tendo em vista a expansão global da língua inglesa e seu caráter contemporâneo mundial, faz-se necessário rever alguns pontos que ainda perpassam a realidade do ensino e aprendizagem desse idioma. Questões a respeito da supervalorização do falante nativo e do suposto inglês “correto” em detrimento dos diversos ingleses existentes são, em especial, temas pertinentes. Ao considerarmos, portanto, a projeção do inglês de língua nacional para mundial e este, o IM, como um fenômeno linguístico sem precedentes e ainda em processo inacabado, é preciso que nos voltemos as suas implicações no ensino e na aprendizagem desse idioma.

Desse modo, ao compreendermos a necessidade do trabalho com a língua inglesa, na perspectiva do IM, como uma forma de repensar os papéis de professores e alunos, a sala de aula pode contribuir para o fortalecimento da identidade do estudante de língua inglesa no Brasil. Afinal, tendo em vista à sua desterritorialização, o IM não é mais propriedade daqueles países falantes de inglês como primeira língua, haja vista que, conforme Rajagopalan (2009), a língua pertence a quem a fala, independentemente do modo como é expressa.

Nesse cenário, novas características são atribuídas ao papel do professor, que deve levar em conta modelos de ensino menos rígidos e mais flexíveis para evitar reprimir as capacidades de aprendizagem dos alunos, e promover um ambiente de interação na língua-alvo (ASSIS-PETERSON; COX, 2013). Portanto, expor o aluno a



maior quantidade possível de sotaques e evidenciar a desnecessária tentativa de reprodução do falar nativo são ações que podem contribuir para a discussão em torno do estigma do “erro” ao falar inglês, que é resultado de séculos de ensino voltado para a imitação sons, modelos e estruturas gramaticais. É necessário, assim, problematizar a questão do inglês “correto” que está intimamente relacionada à intolerância entre os povos e a hegemonia de algumas nações sobre as outras.

Diante do exposto, ensinar do ponto de vista do Inglês Mundial pode ser uma estratégia para a promoção da autonomia, autoafirmação e do pertencimento. Assim, questões como apreensão e constrangimentos durante as aulas seriam minimizadas, e a participação do aprendiz seria estimulada. Portanto, é necessário incentivar os estudantes a manter a sua identidade linguística para que percebam que o aprendizado da língua inglesa não se limita às necessidades de viajar aos países onde esse idioma é falado de se comunicar com nativos. Ademais, é imprescindível esclarecer ao estudante que o conhecimento dessa língua se faz necessário por questões de interação social e global, e deixá-lo ciente que o aprendizado do inglês está ao seu favor, para promover a sua participação no mundo que acontece aqui e agora, também em inglês (SCHLATTER, GARCEZ, 2012).

Referências Bibliográficas

- ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de; COX, Maria Inês Pagliarini. Standard English & World English: entre o siso e o riso. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p. 153-166, maio/ago. 2013.
- COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. Inglês em tempos de globalização: para além de bem e mal. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 5-14, jan./abr. 2007.
- CRUVINEL, G. O purista é um personagem trágico, por Marcos Bagno. **GGN**, [Online], 2017. Blogs. Cultura. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/gilberto-cruvinel/o-purista-e-um-personagem-tragico-por-marcos-bagno>>. Acesso em: 11 abr. 2018.
- CRUZ, G. F. **Culturas de aprendizagem de língua inglesa em narrativas e na sala de aula de um curso de letras**. 2015. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.



- DUBOC, A. P.; FERRAZ, D. M. Letramentos críticos e formação de professores de inglês: currículos e perspectivas em expansão. In: Jordão (Org.) Letramentos e Multiletramentos no Ensino de Línguas e Literaturas. Dossiê Especial. **Revista X**, v. 1, 2011, p. 19-32.
- FORD, M.; LEGON, P. **The how to be British collection**. Hove, Reino Unido: Lee Gone Publications, 2003.
- KACHRU, B. B. **The Other Tongue**. English Across Cultures. Urbana, Ill. University of Illinois Press, 1982.
- KACHRU, B. B. World English: agony and ecstasy. **Journal of Aesthetic Education**, Illinois, v. 30, n. 2, p. 135-155, 1996.
- MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ORTIZ, R. **Mundialização: saberes e crenças**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- OZTURK, U.; ATAY, D. Challenges of being a non-native English teacher. **Educational Research**, UK, v. 1, n. 5, p. 135-139, June, 2010.
- RAJAGOPALAN, K. The concept of 'World English' and its implications for ELT. **ELT Journal**, UK, v. 58, n. 2, April, 2004.
- RAJAGOPALAN, K. **The Identity of "World English"**. New Challenges in Language and Literature, FALE/UFMG, 2009. p. 97-107
- RAJAGOPALAN, K. The 'Outer Circle' as a role model for the 'Expanding Circle': Learning lessons on English worldwide. **English Today**, 108, v. 27, n. 4, Dec. 2011.
- RAJAGOPALAN, K. 'World English' or 'World Englishes'? Does it make any difference? **International Journal of Applied Linguistics**, v. 22, n. 3, p. 374-391, 2012.
- SIQUEIRA, D.S. P.; BARROS, K.S. Por um ensino intercultural de inglês como língua franca. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 48, p. 5-39, jul./dez. 2013.
- SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. **Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês**. Erechim, RS: Edelbra, 2012.

Recebido Para Publicação em 21 de agosto de 2018.

Aprovado Para Publicação em 18 de outubro de 2018.